



Os 40 anos da Sociedade Europeia de Física (European Physical Society)



PASSAGENS DO DISCURSO DO PRESIDENTE DA EPS, FRIEDRICH WAGNER, NA CERIMÓNIA DAS COMEMORAÇÕES DO 40º ANIVERSÁRIO DA EPS, QUE TIVERAM LUGAR DURANTE A REUNIÃO DO COUNCIL DA EPS, EM MARÇO DE 2008.

VERSÃO INTEGRAL DO DISCURSO DISPONÍVEL EM
[HTTP://WWW.GAZETADEFISICA.SPF.PT](http://www.gazetadefisica.spf.pt)

(TRADUÇÃO: ANA SAMPAIO)

BOAS VINDAS E PROGRAMA DA COMEMORAÇÃO

Senhoras e Senhores, caros Convidados,
Muitos físicos ilustres deram o seu contributo para a ideia

de uma Europa sem fronteiras que permite aos cientistas deslocarem-se livremente, trocarem informações e partilharem conhecimentos e ideias. Em 1968, Gilberto Bernardini foi o presidente fundador da Sociedade Europeia de Física (EPS), sendo seguido por muitos cientistas famosos que já não se encontram entre nós, como Werner Buckel, Hendrik Casimir, Maurice Jakob, Alan Mackintosh, Eric Rudberg ou Ion Ursu. Eles representam de forma exemplar a vasta gama de domínios da investigação em física que existe na Europa. Outros antigos presidentes, como Jacques Friedel e Ricardo Ricci, não podendo estar presentes, enviam as suas melhores saudações. Todavia, muitos estão hoje aqui connosco para celebrar e partilhar recordações – dos bons velhos tempos, claro: Herwig Schopper, Martin Huber, Martial Ducloy e Ove Poulsen, o meu antecessor. Gostaria de os acolher a todos calorosamente, enquanto parte integrante da grande família EPS e como exemplos do grande legado da física na Europa.

Celebramos o nosso 40º aniversário em Mulhouse, porque é aqui a sede da EPS. O local foi bem escolhido, já que reflecte uma parte da história europeia – embora sendo francês, pertenceu por duas vezes à Alemanha e, durante algum tempo, fez até parte da Confederação Helvética. Mulhouse honra o passado da ciência e da tecnologia

Foundation of the Society

In the morning of 26 September, the former Steering Committee, other physicists and representatives of National Societies, gathered in the Council Chamber at CERN. The Constitution of the European Physical Society was on the table before them and they were asked as individuals and as representatives of National Societies whether they wished to join the new Society. Sixty-two individual members and twenty National Societies, Academies and Groups enrolled in the EPS.

Individual Members :

Former steering committee -

J. B. Adams, Haverill
L. A. Artsimovich, Moscow
D. J. Beal, Geneva
G. Bernardini, Pisa
N. B. G. Casimir, Eindhoven
L. Cohen, London
H. Conix, Paris
J. de Beer, Amsterdam
A. de-Shalit, Rehovoth
A. Einstein, Vienna
L. Erlenne-Anderg (Mrs), Geneva
H. Fritsch, Heidelberg
W. Gentner, Heidelberg
K. Gottstein, Munich
B. P. Gregory, Godeve
F. Janssen, Prague
L. Janssen, Geneva
J. M. Jauch, Geneva
P. Janssen, Natchez
J. Kasater, Prague
J. R. McConnell, Dublin
K. P. Meyer, Bern
F. Nohel, Paris
G. Occhialini, Milan
J. M. Otero de Navascues, Madrid
F. Perrot, Paris
Ch. Perrin, Geneva
T. G. Rijkenese, Chilton
P. Prasad, Geneva
E. Ruedberg, Stockholm
G. H. Stafford, Chilton
G. Sparali, Budapest
J. Tauc, Prague
P. C. Thonemann, Swansea
J. Ursu, Cluj
V. P. Waiskopf, Cambridge, USA
A. Zichrovi, Bologna

Delegates and guests -

M. Bismuth, Rabat
A. Bertinot, Paris
G. Roati, Geneva
C. Bracco, Jussieu
J. Brosset, Paris
M. Cini, Bologna
B. Conix, London
W. Dekeyser, Ghent
J. F. Edwards, Manchester
J. Friedel, Paris
M. R. Gavin, London
W. Jaccowitz, Hamburg
A. Keller, Paris
M. Kirsten, Braunschweig
E. Lippner, Munich
Z. Pálffy, Prague
E. Richter, Frankfurt
K. H. Roep, Bonn
A. Salati, Trieste
W. Thuring, Geneva
T. di Francia, Bologna
O. Turchanov, Budapest
F. Yvrain, Tel Aviv
F. J. Yndurain, Geneva

Societies, Academies and Groups :

Österreichische Physikalische Gesellschaft
AUSTRIA (W. Thirring)
Société Belge de Physique
Belgische Natuurkundige Vereniging
BELGIUM (W. Dekeyser)
Jednota československých matematiků a fyziků
CZECHOSLOVAKIA (Z. Plajner)
Suomen Fysikkoseura
FINLAND (J. Jouho)
Société Française de Physique
FRANCE (J. Brosset)
Deutsche Physikalische Gesellschaft e. V.
FEDERAL REPUBLIC OF GERMANY (M. Kerstan)
Eötvös Loránd Fizikai Társulat
HUNGARY (G. Szegedi)
Royal Irish Academy
IRELAND (J. R. McConnell)
Israel Physical Society
ISRAEL (Y. Yavin)
Società Italiana di Fisica
ITALY (G. Toraldo di Francia)
Nederlandse Natuurkundige Vereniging
NETHERLANDS (C. Bracco)
Comitetul National de Fizica Romania
RUMANIA (J. Ursu)
Real Sociedad Española de Física y Química
SPAIN (J. M. Otero de Navascues)
Swedish Society of Physicists
SWEDEN (E. Ruedberg)
Schweizerische Physikalische Gesellschaft
Société suisse de Physique
SWITZERLAND (K. P. Meyer)
The Institute of Physics and the Physical Society
UNITED KINGDOM (M. R. Gavin)
Academy of Sciences of the USSR
USSR (L. A. Artsimovich)
Physical Section of the Yugoslav Association of Mathematicians, Physicists, and Astronomers
YUGOSLAVIA (L. Slavik)
European Plasma Physics Group
(P. C. Thonemann)
Groupement AMPERE
(G.-J. Béné)

(Some of the National Societies joined subject to ratification by their own Councils.)

Enrolling in the EPS :

1. G. Bernardini (Director of the Scuola Normale Superiore, Pisa)
2. L. A. Artsimovich (Academy of Sciences, USSR)
3. L. Cohen (Secretary of The Institute of Physics and the Physical Society, UK)
4. B. P. Gregory (Director-General, CERN)



CERN/PF 325.9.68



CERN/PF 325.9.68



CERN/PF 325.9.68



CERN/PF 327.9.68

na reunião anual do Conselho¹.

SOBRE OS PRIMEIROS PASSOS

A Sociedade Europeia de Física (EPS) foi fundada a 26 de Setembro de 1968, numa pequena cerimónia realizada no CERN. No ano anterior, a Comunidade Europeia tinha sido criada com base em acordos e tratados anteriores, como o passo seguinte num processo contínuo de unificação. Os seus membros eram a França, a Alemanha – a República Federal Alemã, melhor dizendo –, a Itália e os três países do BENELUX. Mil novecentos e sessenta e oito foi um ano de grande turbulência social, com múltiplas manifestações de estudantes em muitos países. Devem estar recordados dos rituais das ocupações. Na física, a coisa não foi muito má, porque nesta área sempre houve um

grande respeito por aqueles que são capazes de alargar as fronteiras da nossa compreensão do funcionamento da natureza, o que muitas vezes depende das capacidades extraordinárias de cientistas individuais.

Este foi também um ano de graves perturbações políticas, que culminaram com a invasão da Checoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia. Já então se faziam sentir as forças da desintegração do Bloco de Leste. A criação do Clube de Roma neste mesmo ano de 1968 constituiu uma manifestação das crescentes preocupações ambientais. Todos estes acontecimentos fizeram emergir uma atitude muito mais crítica por parte da sociedade em relação às ciências naturais – e também à física –, atitude essa que persiste ainda hoje. No entanto, a opinião pública continuou a respeitar a ciência e a tecnologia, associando-as à sua esperança num futuro melhor. Nesse mesmo ano, a nave espacial Apolo VIII dava início às missões tripuladas para a Lua e no ano seguinte, 1969, Neil Armstrong deu o seu famoso passo de gigante.

Nos anos que se seguiram a 1968, o processo de unificação da Europa, não só a nível político e social, mas com os seus famosos museus dedicados a estas matérias e caracteriza-se por ser um centro de desenvolvimento industrial. (...) Dou as boas-vindas ao Prof. Gerd Wolf, em representação do Comité Económico e Social, da Comissão Europeia. Esta tarde, teremos três contributos, dois científicos e um que aborda a política científica na Europa. Sentimo-nos muito honrados pela presença de dois extraordinários cientistas europeus, Günter Hasinger e Thomas Stocker, que nos transportarão para o mundo das maravilhas cósmicas, mas que nos recordarão também a vulnerabilidade da nossa própria existência nesta pequena esfera do Universo a que chamamos Terra. (...) Mais tarde, o Prof. Mariano Gago, o Ministro português da Ciência e da Tecnologia, juntar-se-á a nós e usará da palavra. Dou também as boas-vindas ao Prof. Alex Bradshaw e ao Prof. Sir John Enderby - ambos tomarão a palavra, um esta noite e o outro amanhã, durante a segunda sessão do Conselho. Este aniversário insere-se

grande respeito por aqueles que são capazes de alargar as fronteiras da nossa compreensão do funcionamento da natureza, o que muitas vezes depende das capacidades extraordinárias de cientistas individuais.

Este foi também um ano de graves perturbações políticas, que culminaram com a invasão da Checoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia. Já então se faziam sentir as forças da desintegração do Bloco de Leste. A criação do Clube de Roma neste mesmo ano de 1968 constituiu uma manifestação das crescentes preocupações ambientais. Todos estes acontecimentos fizeram emergir uma atitude muito mais crítica por parte da sociedade em relação às ciências naturais – e também à física –, atitude essa que persiste ainda hoje. No entanto, a opinião pública continuou a respeitar a ciência e a tecnologia, associando-as à sua esperança num futuro melhor. Nesse mesmo ano, a nave espacial Apolo VIII dava início às missões tripuladas para a Lua e no ano seguinte, 1969, Neil Armstrong deu o seu famoso passo de gigante.

Nos anos que se seguiram a 1968, o processo de unificação da Europa, não só a nível político e social, mas

também nos domínios da ciência e da investigação, acelerou-se. Em 1973, a Dinamarca, a Irlanda e o Reino Unido aderiram à Comunidade Europeia, em 1981, foi a vez da Grécia, seguida por Portugal e Espanha, em 1986. A expansão seguinte para 15 membros ocorreu já no quadro da União Europeia, que em 2004 aumentou para 25 membros.

Em 1968, não era ainda possível prever que as forças que estavam a emergir na Comunidade Económica Europeia conduziram à eliminação da instabilidade inerente a muitos sistemas monetários diferentes, que os alemães desistiriam do marco alemão a favor de uma moeda comum, que seria possível atravessar fronteiras sem passaporte ou que o Reino Unido permitiria a construção de um túnel para que nunca mais o nevoeiro pudesse impedir a ligação entre o continente e o resto do mundo. Mais do que isso, porém, era impossível prever que a União Soviética, a Checoslováquia e a Jugoslávia se desintegrariam, enquanto a Alemanha se reunificaria. Estes desenvolvimentos políticos permitiram à EPS crescer até aos 40 membros, mais do que a União Europeia, actualmente com 27 Estados-Membros. São também membros da EPS as sociedades físicas da Rússia, Israel, Turquia, Noruega, Suíça e de muitos outros países.

Hendrik Casimir² foi o presidente da EPS entre 1972 e 1976. O seu nome está ligado ao efeito Casimir – em termos latos, a força do vácuo com fronteiras – que, na sua formulação clássica, teve recentemente uma excelente verificação experimental. Em 1957, por ocasião do 25º aniversário do *American Institute of Physics*, ele deu uma conferência intitulada “*Ideias sobre o futuro da física*”, que reflectia a situação da Europa pouco depois da guerra: as suas palavras poderão ajudar-nos a reconhecer os enormes progressos feitos desde então.

Afirmava ele: “De um modo geral, assiste-se na Europa a uma disponibilidade crescente para proporcionar à investigação o apoio necessário, mas, de vez em quando, ainda nos deparamos com atitudes como esta, manifestada por um político francês: *A investigação é apenas uma moda passageira.*”

Mais adiante, declarava: “Aqui [na Europa], há circunstâncias que impedem a utilização integral das infra-estruturas técnicas existentes: essas circunstâncias são as fronteiras nacionais. [...] Enquanto a Europa Ocidental não constituir uma unidade económica (e só Deus sabe se isso alguma vez acontecerá) continuará a estar em desvantagem em relação aos Estados Unidos.”

SOBRE O ESPAÇO EUROPEU DE INVESTIGAÇÃO E DO CONHECIMENTO

Nas décadas que se seguiram de crescente integração política, a rede de instituições de investigação europeias continuou a crescer, com base em acordos bilaterais ou multilaterais. (...) Os instrumentos de que a Comissão dispõe para promover a investigação e a tecnologia na Europa são os programas-quadro, que tiveram início em 1984: estamos agora no VII Programa-Quadro. (...) A Europa está a caminho de um Espaço Europeu de Investigação. Efectivamente, o VII Programa-Quadro é de longe o

mais sólido do ponto de vista financeiro, apoiando também a investigação fundamental, para além dos domínios que são tradicionalmente de definição mais política. A criação do Conselho Europeu de Investigação, com os seus princípios administrativos que encaram a autonomia e a excelência científicas como critérios de decisão exclusivos, teve um forte impacto positivo nas comunidades científicas. A EPS também aplaude e manifesta o seu apoio em todos os painéis e comissões. O Espaço Europeu de Investigação poderá parecer aos mais críticos mais conversa do que outra coisa, mas a verdade é que tem um grande valor simbólico e eu gostaria de sugerir que o levemos a sério. (...)

Há um outro aspecto nesta evolução que nos afecta a todos e que é o objectivo de criar um Espaço Europeu do Conhecimento. O ensino universitário está a atravessar uma fase de transição para um formato homogéneo, os graus de bacharelato e mestrado. Esta transição, que está agora a ser posta em vigor e deverá estar concluída em 2010 não é muito popular entre os físicos. Na Alemanha, não gostamos mesmo nada de ver a nossa muita respeitada licenciatura em física ser substituída por um grau genérico, mas a proposta acabou por ser aceite. Durante o processo, 50% dos departamentos de física alemães estremeçaram, mas não houve mortos nem feridos a declarar. Na sua conferência de 1957, Casimir afirmou: “A situação da universidade europeia não é fácil: se quiser continuar a cumprir o seu papel, ela terá de abdicar do seu cunho de lentidão e solenidade.”

Apenas duas universidades europeias – Cambridge e Oxford – estão na lista das 20 melhores universidades do mundo. Ainda é cedo para dizer se o novo formato pedagógico acabará por cumprir o seu objectivo – uma aceitação das qualificações a nível europeu, maior transparência, mais intercâmbio e mobilidade. O projecto de Bolonha da EPS – esta transição pedagógica tem, curiosamente, o nome da primeira cidade detentora de uma universidade na Europa Ocidental – lançará alguma luz sobre esta evolução.

Mais luz será também lançada sobre o desenvolvimento global do Espaço Europeu de Investigação e a Sociedade do Conhecimento pelo Prof. Mariano Gago, o Ministro português da Ciência, da Tecnologia e do Ensino Superior quando nos dirigir a palavra, um pouco mais tarde durante esta cerimónia.

O CERN, fundado em 1954, foi o modelo que incentivou Bernardini, membro do seu conselho de administração, a decidir criar a EPS. O CERN celebrou o seu 50º aniversário em 2004. Porque será que precisamos de aniversários, o que é que nos reúne aqui hoje para celebrar o 40º aniversário da EPS? Um jubileu é sempre uma boa razão

para recordarmos colectivamente um momento memorável, que é suficientemente importante para não ser esquecido, mas não tão importante que se comemore todos os dias, meses ou anos. A grande vantagem do sistema de décadas é que nos permite encontrar um bom compromisso entre as celebrações contínuas e o esquecimento total. (...)

Este ano, vamos comemorar o 150º aniversário de Max Planck e tanto a Sociedade Max Planck como a *Deutsche Physikalische Gesellschaft* (DPG - Sociedade Alemã de Física) irão recordar o fundador da mecânica quântica e aquele que conduziu os destinos da física na Alemanha, durante o período negro do nazismo³. Recordaremos também que a fissão do urânio aconteceu há 70 anos. Otto Hahn e Lise Meitner, dois dos principais cientistas envolvidos na descoberta e na interpretação da inesperada observação da presença de bário, morreram no ano em que a EPS foi fundada – há precisamente 40 anos. (...) Será interessante ver até que ponto a opinião pública prestará atenção a estes exemplos, a estes heróis e heroínas da física. A concorrência vai ser grande: Carla Bruni – mais conhecida sob este nome – também comemora este ano o seu 40º aniversário...

Actualmente, já é possível a livre circulação de cientistas e de ideias e informação científicas, sendo a única restrição os meios financeiros disponíveis. Com este tema das restrições financeiras, gostaria de concluir a minha análise sobre o passado e de começar a falar do presente. Os recursos financeiros da EPS provêm, em grande medida, dos contributos das grandes sociedades de física da Alemanha e do Reino Unido. Um dos maiores contributos provêm também da sociedade francesa, que imprime a *Europhysics News* (EPN), o boletim da nossa sociedade, a custo zero, o que corresponde a uma contribuição monetária substancial. (...)

Uma parte do orçamento da EPS é utilizada para ajudar os membros que de outro modo teriam dificuldade em beneficiar do progresso científico que ocorre nas zonas mais prósperas da Europa. A EPS ajuda também jovens cientistas ainda não estabelecidos e desempenhou um papel importante na integração da física após o colapso da União Soviética. As grandes sociedades confiam à EPS a missão de utilizar o seu capital em prol dos ideais europeus de proporcionar oportunidades a todos os talentos emergentes. (...) Estes talentos podem surgir em qualquer sítio e todos estamos cientes do extraordinário potencial científico da Rússia. As tradições iniciadas pelos seus grandes cientistas ainda hoje se mantêm nos países da Europa Oriental e todo este potencial tem um valor incalculável para uma Europa em desenvolvimento. Actualmente, muitos licenciados e

pós-doutorados com excelente formação, oriundos dos estados da Europa Oriental, trabalham em instituições ocidentais e as ligações que entretanto estabelecem irão reforçar a rede europeia, quando regressarem aos seus países. É essa a experiência no Japão, na Coreia e na China: aqueles que partem regressam frequentemente, trazendo consigo todo o potencial de uma carreira científica no estrangeiro.

(...)

Como acontece noutros aspectos da cultura europeia, os países grandes e ricos têm uma responsabilidade específica em termos de fomentar a igualdade de oportunidades no continente e esta responsabilidade radica também nos benefícios que a Europa acaba por proporcionar àqueles que têm um fardo mais pesado. O fiel da balança para os nossos esforços é o progresso da física na Europa, que por sua vez se insere no desenvolvimento pacífico global do continente.

Este percurso não é garantido nem automático, reque-rendo um grande esforço da nossa parte. O destino de Max Planck e da sua família reflecte de forma exemplar o longo caminho que a Europa teve que percorrer antes de atingir o equilíbrio no actual período de paz. O irmão de Max Planck, Hermann, foi morto em 1871, na guerra entre a Alemanha e a França; o seu filho mais velho, Karl, morreu na Primeira Guerra Mundial em Verdun, em 1916, e o segundo filho, Erwin Planck, foi morto pelos nazis em Janeiro de 1945, devido ao seu envolvimento na tentativa de assassinato de Hitler, a 20 de Julho de 1944. Actualmente, é pouco provável que destinos como este se repitam na Europa e os cientistas podem concentrar-se mais do que nunca no seu grande objectivo, beneficiando do crescente potencial científico europeu.

A GLOBALIZAÇÃO DARÁ ORIGEM A VENCEDORES E VENCIDOS

Como é que a EPS se irá desenvolver neste processo de consolidação da Europa? Felizmente, o futuro não é determinístico. Ainda assim, podemos pensar nas condições de fronteira em que ocorrerá essa evolução. À semelhança de outras regiões do mundo, a Europa terá de ir sustendo a pressão contínua provocada pela globalização. O assombroso e fascinante desenvolvimento da Ásia continuará a afectar o nosso continente. O impacto da globalização na ciência terá múltiplos aspectos, o mais crítico dos quais será a nova volatilidades dos melhores cérebros, que se concentrarão onde as condições de trabalho forem melhores. A globalização conduzirá à criação de novos centros científicos e este processo dará origem a vencedores e vencidos.

Na competição global, os progressos na física serão cada vez mais vistos como êxitos europeus e não tanto como realizações nacionais – ou, no caso de não se materializarem, como fraquezas do sistema europeu. No interior da Europa, as grandes instituições científicas irão abandonar as suas ligações nacionais específicas criadas pela localização, pela história e pelo padrão de financiamento. À semelhança dos grandes actores industriais, começarão a actuar a nível supranacional, como acontece, por

exemplo, com a Sociedade Max-Planck que pretende criar delegações também noutras partes do mundo. (...)

As grandes sociedades de física nacionais, que detêm não só o poder que lhes é conferido por um grande número de membros, mas também a correspondente responsabilidade, irão reconhecer um dia que, numa Europa em expansão, a bandeira nacional já não basta. A sua importância, os seus recursos financeiros, as suas ligações políticas e sociais já não se poderão restringir exclusivamente às fronteiras nacionais.

(...)

No futuro, o impacto da integração europeia terá também uma prioridade mais alta a nível nacional. Até agora, os relatórios dos presidentes nas assembleias das sociedades de física nacionais mal têm aflorado os assuntos europeus e não incluem nenhum capítulo sobre o trabalho da EPS ou sobre a cooperação com a EPS. Sei que é assim na sociedade nacional de que sou membro e presumo que o mesmo aconteça nas outras. É pena que assim seja, mas antevejo uma época em que o relatório de um presidente de uma sociedade nacional aos seus membros estará incompleto se não reflectir o trabalho da EPS. Deve ser ambição da EPS que essa época chegue em breve.

As consequências deste processo serão que a EPS e as sociedades nacionais de física irão ser capazes de identificar áreas de interesse comuns, nas quais seja possível cooperar e realizar projectos conjuntos. Estas parcerias orientadas para projectos e por objectivos nem sempre incluirão todas as sociedades nacionais, variando de acordo com os interesses considerados. O mesmo acontece no domínio da energia, em que 13 sociedades nacionais estão envolvidas e irão em breve reunir-se em Varenna⁴, no seguimento do convite da Sociedade de Física italiana, ou no que se refere ao estudo de Bolonha, que envolve 16 sociedades.

(...) Em conjunto, temos de pôr em prática um processo que nos permita identificar novos domínios mais interdisciplinares e temos de criar novas divisões. Seria muito desejável que esse processo se desenrolasse de baixo para cima – a única forma de ser bem-sucedido. É nesta categoria que se insere também a questão de saber se a EPS deve penetrar no centro dos futuros processos de decisão e abrir a sua própria delegação em Bruxelas, em conjunto com as sociedades nacionais participantes. Quanto maior o peso das decisões europeias, mais importantes serão a reacção e a resposta da EPS.

(...) A natureza da EPS é, todavia, determinada por um princípio fundamental, que sempre orientou as suas deliberações – o facto de representar, em pé de igualdade, sociedades grandes e pequenas em questões fundamentais. A igualdade é a pedra de toque da governação da EPS e, através deste princípio, ela tem cumprido e

continua a cumprir a sua responsabilidade de ser um parceiro válido e leal no processo de integração europeia.

Permitam-me, para concluir, que vos recorde a visão dos fundadores da EPS: (...) uma sociedade internacional e amplamente autónoma, baseada em membros individuais, e não como uma estrutura-mãe, sob a forma de uma federação de sociedades nacionais. (...) Esta independência permitiu-lhe fazer ouvir a sua voz no caso Shakarov, ou sempre que físicos eram presos por insistirem na defesa da liberdade científica e dos direitos humanos como referências obrigatórias. Uma vez que os físicos não eram obrigados a levar um mandato para as organizações da EPS, que poderiam ter sido facilmente dominadas pela situação do pós-guerra ou pela Guerra Fria, a invasão da Checoslováquia, golpes militares ou a instalação de mísseis Pershing e SS-20, o elemento mais forte nas relações pessoais entre eles pôde evoluir e produzir a sua acção benéfica, ultrapassando fronteiras e diferenças sociais. (...) O papel desempenhado pela EPS durante este período da nossa história constituiu um compromisso, e estabeleceu uma norma que não poderemos abandonar, na nossa tentativa de moldar o futuro. (...)

1. Council, no original (N.E.).

2. Ver neste número o artigo de Carlos Herdeiro "Os 60 anos da força do vácuo" (N.E.)

3. Ver *Impressões de uma cidade renascida*:

Ana Simões, *Berlim, física e Max Planck*, Gazeta de Física, Vol.31-nºs 1/2, pg 13 (2008) (N.E.).

4. Ver neste número da Gazeta de Física o

artigo de Carlos Varandas, *A física e a Energia, bem como notícia sobre Conferência da European Physical Society*, Gazeta de Física, Vol.31-nºs 1/2, pg 33 (2008) (N.E.).